

“Currículo, espaço e subjetividade — a arquitetura como programa”

Tarcísio Mauro Vago*

Antônio Viñao Frago e Agustín Escolano, são dois dos mais importantes e criativos historiadores da educação espanhóis. A partir de análises sempre muito instigantes e inovadoras, e tratando de objetos muitos diversos, como a história do livro, da leitura e da escrita, dos tempos e espaços escolares, dentre outros, eles têm contribuído para a renovação dos estudos na área de história da educação não apenas na Espanha, mas em boa parte da Europa e da América Latina.

Neste livro, como o título já evidencia, os autores tratam do espaço escolar, um tema tão interessante quanto pouco explorado na história da educação brasileira. Ele reúne artigos anteriormente publicados na *Revista Historia de la Educacion* (Espanha), os quais vinham sendo largamente utilizados por pesquisadores brasileiros.

O livro é dividido em duas partes, sendo Agustín Escolano o responsável pela primeira, cujo título é

Arquitetura como programa. Espaço-escola e currículo.

Um dos temas que aborda é o da persistência das estruturas construtivas escolares, erguidas no início do século XX seguindo postulados do higienismo, da racionalidade panóptica e do movimento em favor da graduação pedagógica. Ainda que tenham sido submetidas a reformas que procurassem sintonizá-las às exigências educacionais de cada época, estas não lograram afetar o programa arquitetônico original. A este respeito, comenta: “não é arriscado supor (...) que sua vigência vá se prolongar até alcançar uma duração secular, ainda que num futuro próximo tenha que sofrer alguma outra ação reabilitadora”. E então pergunta: “Imobilismo arquitetônico? Tradicionalismo didático? Economicismo em torno da escola pública”? (p.23)

A partir de perguntas como essas, propõe que se compreenda e se investigue a arquitetura escolar como

VIÑAO FRAGO,
Antonio e
ESCOLANO, Agustín.
Tradução de
Alfredo
Veiga-Neto.

DP&A editora:
1998. 152p.

* Doutor em Educação,
professor do Centro
Pedagógico/UFMG

“forma de escritura no espaço”, um programa, um discurso que institui, na sua materialidade, um sistema de valores que funcionam como marcos para a aprendizagem sensorial e motora e toda uma semiologia que cobre diferentes símbolos estéticos, culturais e também ideológicos.

O autor também chama a atenção para o fato de que o espaço educativo também repercute inovações pedagógicas colocadas em circulação em diferentes momentos históricos. Como exemplos, refere-se a casos extremos: de um lado, as escolas do bosque e os jardins da infância, de outro, as escolas seriadas ou as classes de ensino mútuo — todas expressaram (ou expressam) em sua institucionalização material as teorias que as legitimaram e as práticas didáticas que se abrigaram entre seus muros.

É então que propõe que o espaço escolar seja investigado como um uma construção cultural que expressa e reflete determinados discursos. Assim, por exemplo, o autor explora elementos da decoração interna e externa à escola como dispositivos de educação, indicando que o edifício escolar serve de suporte material de diferentes símbolos: “o escudo pátrio, a bandeira nacional, as imagens e pensamentos de homens ilustres, os símbolos da religião, algumas máximas morais e higiênicas, o campanário e o relógio... Isso expressa toda uma instrumentação da escola a serviço de ideais nacionais, religiosos e sociomorais.” (p.40)

Há que se considerar também, sugere o autor, a disposição do espaço-escola na cena urbana, que tem que ser analisada como um “elemento curricular”. A esse respeito, Escolano observa a possibilidade de práticas muito distintas, já que a conformação e inserção do espaço escolar em um espaço urbano determinado pode produzir uma imagem da escola “como centro de um urbanismo racionalmente planejado” ou, ao contrário, “como uma instituição marginal e excrescente”. A esse respeito, o autor estende-se

em instigantes perspectivas de análise, dentre elas a discussão sobre as reformas de ensino e suas repercussões diretas sobre os edifícios escolares e sua localização nas cidades, destacando que a arquitetura escolar desempenha também um papel de simbolização na vida social, contribuindo, por exemplo, para “a consciência coletiva das populações e sua própria identidade”.

Outro tema central do texto de Escolano é o que se refere à instrumentação da arquitetura escolar diretamente no plano didático, ou seja, na definição do espaço em que se dá a educação formal. Aqui, o autor explora a utilização didática que a escola tradicional fez do espaço-escola, analisando registros extraídos de manuais empregados no ensino primário espanhol nos fins do século XIX, indicando que ele foi um núcleo didático central no desenvolvimento de diversas matérias do currículo primário, como no ensino da língua, da matemática e da geografia.

A segunda parte do livro — *Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões* — é de responsabilidade de Antonio Viñao Frago.

Partindo do pressuposto de que “toda atividade humana precisa de um espaço e de um tempo determinados”, o autor afirma que “a educação possui uma dimensão espacial” e que o espaço é, junto com o tempo, “um elemento básico, constitutivo, da atividade educativa.” (p.61) Mas, há um “salto qualitativo” indicado por Viñao Frago: trata-se da construção do *espaço em lugar*, ou seja, do conjunto de operações mentais e materiais que permitem passar do *espaço projetado* ou imaginado, ao *lugar construído*. Assim, o espaço é um suporte que “está sempre disponível e disposto para converter-se em lugar, para ser construído”. A escola, afirma ele, ocupa um espaço e um lugar: “um espaço projetado ou não para tal uso, mas dado, que está ali, e um lugar por ser um espaço ocupado e utilizado” (p.62).

Em torno dessa temática, o autor faz considerações sobre as relações

entre o espaço e a atividade humana, a escola como lugar e a dimensão espacial dos estabelecimentos escolares. Uma delas é a afirmação de que o "espaço não é neutro", que, ao contrário, seu emprego revela práticas de diferentes culturas.

É então que Frago discute as características que definem a escola como um *lugar*, perguntando-se se é possível uma tipologia histórica que expresse a diversidade que esse termo comporta. Respondendo afirmativamente, ele apresenta duas perspectivas possíveis. A primeira, vai do nomadismo e da itinerância até à fixação e à estabilidade. A segunda, da ausência de especificidade própria até sua delimitação e estabelecimento. Em seguida, explora essas perspectivas, comentando as diversas tipologias que propõe, referenciadas historicamente.

Sobre a dimensão espacial das escolas, é suficiente aqui trazer uma idéia recorrente no texto: o espaço escolar educa, possui uma dimensão educativa. Isso implica, para o autor, analisar conjuntamente o espaço e a educação para que se possa considerar suas mútuas implicações. Para tanto, ele trata, por exemplo, da disposição e distribuição interna dos edifícios escolares e do espaço da sala de aula, destacando as relações

entre os métodos pedagógicos e a disposição espacial das pessoas e objetos. Parece-nos ser este um promissor campo de investigação em história da educação.

Tal como Agustín Escolano, Viñao Frago também discute a localização da escola, relacionando urbanismo e educação em múltiplas questões que aí estão envolvidas, dentre as quais, a antinomia centro-periferia; a higiene; a dialética do aberto e do fechado nos edifícios escolares.

Enfim, esta é uma obra que traz contribuições importantes para o estudo da escola enquanto instituição social, de uma perspectiva ainda pouco explorada, permitindo a ampliação de nosso conhecimento sobre os dispositivos espaciais de conformação não apenas das práticas escolares mas, e principalmente, dos sujeitos que nela passam períodos extensos e intensos de sua vida, seus habitantes, seus praticantes. Outra de suas contribuições é, sem dúvida, motivar os(as) que se interessam pela história da escola a se envolver também com as inúmeras possibilidades de compreensão e análise dos espaços educativos escolares: se, como salientam os autores, *o espaço é uma forma silenciosa de educação*, nada justifica o silenciamento de nossas pesquisas sobre o mesmo.

